http://journal.unoeste.br/index.php/cs/index
DOI: 10.5747/cs.2020.v4.n1.s087
ISSN on-line 2526-7035

Colloquium Socialis

Submetido:23/03/2020 Revisado: 08/04/2020 Aceito: 13/04/2020

SINESTESIA, ARTE, CULTURA E TECNOLOGIA: IMPACTOS NA SOCIEDADE

Sheila Regiane Franceschini

Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE, Presidente Prudente, SP. E-mail: sheilafranceschini@hotmail.com

RESUMO

O presente trabalho busca demonstrar que o fenômeno "sinestesia" enquanto fenômeno multissensorial com grande variedade de ocorrências está presente no cotidiano das pessoas e cada vez mais relacionada com nossos modos de conviver, usufruir dos bens e serviços, produzir, criar, com amparo nos suportes tecnológicos de nosso tempo. Tais constatações colaboram para que possamos conceber a sinestesia como sendo um fenômeno que traz impactos à sociedade por ser inerente à vida humana, em virtude de uma capacidade criativa na resolução de questões elementares. O trabalho é ao mesmo tempo um levantamento bibliográfico que busca também compreender como este fenômeno está relacionado com a cultura, conceito dinâmico que coloca o ser humano como agente transformador da realidade, dentre outros aspectos. Para tanto, utilizamos como suporte teórico as ideias de alguns importantes pesquisadores do assunto para, ao estabelecer reflexões sobre elas, favorecer uma compreensão sobre a sociedade híbrida em que vivemos, valorizando a Arte como atividade essencial.

Palavras - chave: Sinestesia. Arte. Cultura. Tecnologia. Sociedade.

SYNESTHESIA, ART, CULTURES AND TECHNOLOGY: IMPACTS ON SOCIETY.

ABSTRACT

The present work seeks to demonstrate that the phenomenon "synesthesia", as a multisensory phenomenon, with a wide variety of occurrences, is present in people's daily lives and is increasingly related to our way of living, enjoying goods and services, producing, creating, with support in supporting technological innovations o four time. These findings help us to conceive synesthesia as a phenomenon that affects society because it is inherent to human life, due to the creative capacity to solve elementary issues. The work is also a bibliographic survey that also seeks to understand how this phenomenon is related to culture, a dynamic concept that places the human being as an agent that transforms reality, among other aspects. To this end, we use the ideas of some important researchers on the subject as theoretical support to, by establishing reflections on them, to favor the understanding of the hybrid society in which we live, valuing Art as an essential activity.

Keywords: Synesthesia. Art. Culture. Technology. Society.

INTRODUÇÃO

Ao afirmarmos que vivemos de maneira cada vez mais sinestésica, é preciso compreender o que vem a ser este fenômeno e em que nos amparamos para conceber tal argumento.

Observamos que nossa maneira de perceber o mundo, o entorno e a nós mesmos se dá por meio dos órgãos dos sentidos, não apenas sob o aspecto fisiológico, mas também no aspecto ontológico, e que uma fonte de conhecimentos se revela a nós, assim como nos revelamos enquanto sujeitos capazes de perceber.

Ao refletir sobre o ser humano em sua jornada evolutiva, podemos perceber que este, por sua capacidade criativa e na resolução

constante de problemas, muitas vezes gerados por sua própria interferência na natureza ou realidade, delega a algo que denominaremos de "máquina" a capacidade de solucionar as grandes questões humanas, sobretudo naquilo de que é capaz de eximir-se, dispensando de sua própria responsabilidade.

Assim, pensamos que a vida é híbrida, uma vez que as tecnologias digitais já operam mudanças em nós e, por isso, não aceitaríamos retroceder a uma vida de manufaturas, tal o dispêndio de tempo que a realização de uma tarefa manual nos causaria, não houvessem recursos tecnológicos que facilitassem a execução de atividades básicas como cozinhar, higienizar, esterilizar.

Nem tampouco, conseguimos imaginar como nossa capacidade de acesso à informação seria afetada se não tivéssemos a inteligência artificial, mediada por computadores, aparelhos celulares, entre outros recursos que mediam nossas relações, interferindo, de maneira positiva ou negativa, em nossos juízos, em nossa autonomia e primazia de escolha, em nossos consumos e concepções de vida.

Gostaríamos de sugerir que a nossa vida mediada, integrada, conectada, afetada pela tecnologia que somos capazes de produzir, quase sempre com o intuito de melhorar as condições de vida, revela-nos um embotamento de nossa humanidade e ao mesmo tempo, uma forma de experiência inconsciente para a maioria de nós, mas que, invariavelmente está presente em nosso cotidiano: a sinestesia.

Por exemplo, ao assistirmos a um filme, a um espetáculo de dança ou música, ao consultarmos a internet diante do próprio computador, dentre outras situações, fazemos tudo isso de maneira sinestésica. A todo tempo estamos vendo, ouvindo, sentindo, tocando, simultaneamente, sem notar que assim procedemos.

Nossos sentidos, então solicitados, são estimulados de maneira simultânea e por isso buscamos avaliar, num contexto híbrido de vida, mediado por tecnologias típicas deste contexto, como as experiências artísticas nutrem a vida e interferem na cultura, inexoravelmente.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O objetivo desse trabalho é revelar a presença da sinestesia nos diversos processos de desenvolvimento humano, cultural e como a sociedade é impactada pelo fenômeno, tendo em vista que a Arte, enquanto atividade criativa do ser humano e necessária, que permeia igualmente a inovação tecnológica que marca este tempo favoreceu, grandemente, a ocorrência do fenômeno.

Este trabalho, além disso, consiste numa pesquisa teórica na qual, para alcançar o objetivo proposto, são apresentadas algumas ideias de Lawrence E. Marks, Richard Citowic, Simon Baron Cohen, Noam Sagiv, Sergio Basbaum, Sean Day, Frans Evers, Maurice Merleau Ponty e Henry Jenkins, entre outros a tratar a respeito de sinestesia, cultura e tecnologia, na transformação da sociedade.

RESULTADOS

O interesse pela sinestesia remonta da antiguidade clássica, em que a associação entre os sentidos já era assunto discutido, mas a partir do século XVII passou a ser objeto de pesquisa e com destaque no último século. Os suportes para a pesquisa em sinestesia desencadearam, em cada período histórico, um rol de estudos variados para delinear as diversas modalidades de sinestesia, indicar suas características e validar métodos e conceitos.

Na etimologia da palavra sinestesia temos a união de dois termos gregos (*sin* = união *+ aesthesis* = sensação), significando a união de sensações e, nesse sentido, pode ser vista como uma propriedade ou habilidade cerebral no qual um sentido evoca a função de outro, na percepção de um mesmo fenômeno, de maneira simultânea, de forma aditiva e não excludente. De acordo com Cytowic (1995), "A sinestesia é uma condição neurológica na qual o estímulo de um determinado sentido provoca uma percepção automática noutro sentido diferente". Para ele,

> A palavra sinestesia, que significa união de sensações, compartilha uma raiz com anestesia, que significa 'sem sensação'. Denota a rara capacidade de ouvir cores, provar formas ou experimentar outras misturas sensoriais igualmente surpreendentes, cuja qualidade parece difícil para a maioria de nós imaginar. (CYTOWIC, 1995) [tradução nossa]

A sinestesia está presente em todos desde o nascimento, por meio das conexões cerebrais realizadas de maneira abrangente, uma vez que nos primeiros meses de vida a imaturidade do córtex cerebral faz com que todos os estímulos sejam percebidos sem distinção de modalidade. (MAURER *apud* BASBAUM, 2002, p. 32)

Para Marks (2011), existem algumas correntes que argumentam a respeito da sinestesia. Na visão monista, temos a sinestesia como uma união dos sentidos. Para aqueles que defendem a visão dualista, apenas as ocorrências de natureza neurocerebral seriam válidas, distinguindo a sinestesia genuína das outras experiências. E numa outra visão, a pluralista postula que existem várias categorias de sinestesia, não necessariamente iguais, um fenômeno de caráter transmodal, em que as ocorrências podem ser explicadas de diversas maneiras, gerando múltiplas experiências.

O pesquisador Noam Sagiv compreende que sinestesia abrange e facilita o entendimento sobre o funcionamento de aspectos importantes da cognição humana, como a percepção, a atenção, a memória e o pensamento, entre outros.

> No contexto da ciência cognitiva, a compreensão da sinestesia envolve não apenas documentar o fenômeno, mas também perguntar o que ela nos diz sobre a cognição normal. Deve ficar claro agora que a sinestesia toca muitos aspectos importantes da cognição humana: percepção e atenção, consciência, memória e aprendizado, linguagem e pensamento e, finalmente, desenvolvimento. (SAGIV apud ROBERTSON; SAGIV, 2005, p. 5) [tradução nossa]

Outros pesquisadores, como Simon Baron-Cohen, estudaram a presença da sinestesia em indivíduos do espectro autista. Sean Day indicou que a sinestesia também é provocada pelo uso de alucinógenos e também considerou como uma rica fonte de informações os depoimentos de vários sinestetas, colaborando com uma catalogação dos tipos de sinestesia possíveis até então. Já Frans Evers e Sérgio Basbaum concordam que metáfora artística é uma farta possibilidade sinestésica e que a sinestesia é também influenciada pela cultura.

> O interesse pelo estudo da associação entre os sentidos remonta do século XIX onde a sinestesia aparece como investigação científica, mas já se fazia presente na antiguidade grega por meio das diversas associações sensoriais presentes nas produções artísticas de então. Até mesmo na pré-história se verificam experimentações entre luz e som. (BASBAUM, 2002, p. 13)

Sobre sinestesia, até então, podemos considerá-la como sendo um fenômeno neurocerebral com grande variedade de tipos, para alguns teóricos, decorrente de uma ativação cruzada dos órgãos dos sentidos, promovendo o funcionamento simultâneo dos mesmos, frente aos vários estímulos; por outros, vista como uma união dos sentidos; ou também decorrente do uso de substâncias psicoativas; fruto de indução multissensorial motivada por metáforas artísticas ou ainda, como uma condição neurológica concomitante a outras condições como o autismo, por exemplo.

Em razão disso e de acordo com tais teorias desenvolvidas, surgem algumas concepções dicotômicas, tais como, a ideia de sinestesia forte e sinestesia fraca, sinestesia e pseudo-sinestesia, ou ainda, a sinestesia enquanto distúrbio. Tais considerações dificultam uma compreensão mais abrangente sobre o assunto, à luz de um contexto híbrido, dos avanços tecnológicos e da influência do meio, da cultura.

Não obstante a necessidade de categorização dos comportamentos sinestésicos fosse um objetivo a ser alcançado nos últimos anos através do estudo destes pesquisadores, tais estudos colaboraram com resultados cada vez mais relevantes, tendo em vista o desenvolvimento científico, as teorias e os suportes tecnológicos disponíveis. Desta forma, novos intentos, testagens e hipóteses renovam o

interesse pelo assunto, com base em novas teorias e prognósticos.

Porém, para efeito de estudo, Basbaum sintetizou essa variedade de tipos de sinestesia, neste modelo taxonômico: a) sinestesia fenômeno-neurológica (que abarca a sinestesia constitutiva, a sinestesia induzida pelo uso de drogas, a adquirida e as associações sensoriais em não sinestetas); b) sinestesia na arte (que reúne a intenção de fusão dos sentidos nos vários períodos da história); c) os depoimentos de sinestetas e d) as metáforas sinestésicas. (2002, p.28)

Neste sentido, queremos valorizar o aspecto relacionado com a Arte e com o potencial criativo do ser humano por meio da linguagem artística, como base para a compreensão da sinestesia e seu impacto na cultura e na sociedade, bem como a contribuição dos meios de comunicação. Segundo Frans Evers,

> A sinestesia é a condição perceptivo-cognitiva na qual as relações intermodais são involuntariamente experimentadas como um aspecto característico da percepção ou como uma expressão voluntária da unidade dos sentidos na forma de um ato criativo usando linguagem, imagens audiovisuais ou qualquer outra combinação de meios de comunicação. (EVERS, 2012, p. 6) [tradução nossa]

É importante observar que, a despeito de alguns autores que considerarão apenas os critérios neurofisiológicos para a definição de sinestesia, outros autores não desprezam a grande contribuição da criatividade e, por isso, a Arte tem grande importância neste contexto.

Principalmente considerando a experiência estética que provém do contato com as obras de arte, vamos observando não apenas como a Arte impacta a sociedade, mas como ela tem sido uma espécie de nutrição para o desenvolvimento do ser humano.

Ainda que tenhamos um conceito restrito de Arte, por ser um assunto de grande complexidade, podemos pensar que ela é fruto de uma capacidade criativa que sempre esteve presente na vida humana e que continua sendo a força motriz para o desenvolvimento de inúmeras ferramentas tecnológicas da atualidade, ou seja, as coisas, as inovações, o nosso modo de vida dependem da informação de natureza estética. Até podemos pensar que a mesma força criativa que desencadeia trabalhos artísticos é também a que busca soluções para os problemas, as questões do mundo prático, mas envolvidas numa forma convincente e embelezada.

Segundo Ostrower (2014) o ato criador é um ato intencional, carregado das percepções conscientes que o ser revela no próprio fazer. E por ser consciente, justifica-se a necessidade de compreendermos em que momento deste fazer criativo, a ação se torna estética, artística, ou não. É importante refletir em que medida o objeto da criação se torna algo passível de ser contemplado, observado, e nessa observação ser também percebido, recebido como algo potencialmente transformador, renovando todo processo.

Quando algo alcança esse patamar de, sendo resultado expressivo de um fazer/ser criativo, afeta ou permite-se contemplar por outro, comunicando uma forma de interpretar o mundo, podemos dizer que temos um objeto artístico, podemos talvez dizer que fazemos Arte.

Assim, no âmbito da sinestesia temos a possibilidade de fruir, profundamente, o objeto artístico, porque é este uma extensão de nossa existência no mundo, parte daquilo que apreendemos de nossa experiência pré-objetiva.

Tanto o ato de fazer/criar quanto o ato de contemplar são vias de uma experiência multissensorial que permitem, na confluência dos sentidos, observar a sinestesia acontecer, mesmo que nos faltem alguns dos órgãos dos sentidos, mesmo diante de uma lesão ou dano sensorial. Pois é nessa seara, do que é a percepção consciente do mundo e de nossa ação no mundo que se desenvolve o espaço/lugar da sinestesia, enquanto fenômeno.

Muitos trabalhos foram sugeridos no Sec. XX como experiências multissensoriais nos quais artistas procuraram uma associação ou proximidade entre linguagens artísticas, especialmente as artes visuais e as musicais. Artistas como Wassily Kandinsky Artistas como Wassily Kandinsky (1866-1944), Arnold Schoenberg (1874-1951), Alexander Scriabin (1871-1915) e Nicolai Rismky-Korsakoff (1844-1908) acreditavam numa ideia de arte global, monumental. O conceito de arte total

(Gesamtinstwerk) desenvolvido pelo compositor Richard Wagner (1813-1883) foi mais uma demonstração desse interesse de reciprocidade de experiências, sensações e conteúdos, pela fusão de inúmeras linguagens artísticas num mesmo espetáculo.

Ao exemplo de Kandinsky, pintor russo, que tem várias séries de pinturas com títulos referentes ao universo musical, como a série *Compositions* e *Improvisation,* pode-se observar que ele buscou expressar elementos musicais como timbre, altura e volume próprios da arte musical, de maneira visual. Ele atribuía às artes, especialmente à música, um caráter transcendental, espiritual e criou uma performance com dança, música e luzes em sua peça *Der gelbe klang (O som amarelo),* que não chegou a ser montada mas inspirou Schoenberg, compositor com quem tinha grande amizade, na concepção de um drama musicado chamado *Die glückliche hand (A mão feliz)*, em 1913. (FRANCESCHINI, 2010)

Essas experiências também ocorrem nas criações da contemporaneidade, da inovação, da disruptura, recriando a realidade, permitindo que a sinestesia seja um fenômeno da totalidade, e não apenas internalizado. Como sugere Evers,

> Embora a poesia sinestéstica e a pintura sinestéstica tenham sido descritas em detalhes, a atenção aos conceitos sinestésicos na forma de imagens visuais, auditivas ou audiovisuais mediadas tem sido rara. Todas as novas tecnologias – luz, cinema, sons eletrônicos, imagens, algoritmos – inspiraram os artistas a compor novas relações entre as artes e a evocar novas experiências sinestésicas em uma audiência. Para ter uma visão completa desse quarto modo de sinestesia, sinestesia mediada, temos que sair do laboratório científico e iniciar uma busca aventureira no mundo da arte multimídia experimental. (EVERS, 2012, p. 32) [tradução nossa]

Porém, ainda que os trabalhos artísticos tenham sido criados sem a pretensão da multissensorialidade em sua essência, sem essa intenção explícita, mas por sua natureza sensível, provocam experiências sensoriais que são próprias do processo de perceber, contemplar, fruir, contextualizar, criticar e nos mover à ação.

As pesquisas em neurociência contribuem para considerar a sinestesia como uma função cerebral e, portanto, de caráter fisiológico, apenas. Mas a Arte, ao contrário, abarca todas as possibilidades criativas como suporte para que ela ocorra num nível mais profundo de compreensão do próprio ser, do seu entorno e das relações advindas, já num contexto híbrido mediado por tecnologias digitais.

> Sinestetas partem do laboratório de ciências e entram no estúdio de arte, onde são explorados os diferentes modos de experimentação artística com mídia elétrica e eletrônica como luz, cinema, cinética, som, vídeo e computadores. Essa mudança de foco de uma discussão teórica de sinestesia para o inquérito sobre as próprias qualidades sensoriais e a sinestesia mediada é frequentemente empreendida por artistas atraídos pelos desafios da composição multimídia. As novas mídias deixaram suas marcas nas artes gerando novas relações, não apenas entre os sentidos, mas também entre os artistas e as disciplinas que representam. (EVERS, 2012, p. 39) [tradução nossa]

Assim, quando evocamos a importância da Arte como algo que nutre a experiência em sociedade, valorizamos essa atividade como essencial porque nossa perspectiva de futuro, de convivência, ou mesmo coexistência, poderiam ser otimizadas, melhoradas, aperfeiçoadas em busca de um meio social tão ético, quanto estético.

É para que essa perspectiva de futuro seja profícua e não destrutiva que a Arte, em todas as suas modalidades ou linguagens, seja cada vez mais observada e incentivada: para que o ser humano não perca aquilo que é próprio de sua humanidade, para que não delegue às máquinas a função de proceder de um modo que só o próprio ser humano pode fazer: o ser sinestésico.

A obra artística pode nos levar a inúmeras experiências estéticas, positivas ou negativas, porém o contato com elas nos fará construir um arsenal de significados e filtros para ler e reler a vida em sociedade: o pensamento crítico depende do contato com a Arte.

Do ponto de vista filosófico, podemos buscar suporte na fenomenologia de Merleau-Ponty (1908-1961), que apresenta postulados fundamentais sobre as sensações e a percepção e pelos quais compreendemos a existência e a comunhão entre os indivíduos e o mundo, no processo de construção do conhecimento e da consciência das coisas. De acordo com ele.

> Iniciando o estudo da percepção, encontramos na linguagem a noção de sensação, que parece imediata e clara: eu sinto o vermelho, o azul, o quente, o frio. Todavia, vamos ver que ela é a mais confusa que existe, e que, por tê-la admitido, as análises clássicas deixaram escapar o fenômeno da percepção. Eu poderia entender por sensação, primeiramente, a maneira pela qual sou afetado e a experiência de um estado de mim mesmo. O cinza dos olhos fechados que me envolve sem distância, os sons do cochilo que vibram "em minha cabeça" indicariam aquilo que pode ser o puro sentir. Eu sentirei na exata medida em que coincido com o sentido, em que ele deixa de estar situado no mundo objetivo e em que não me significa nada. O que é admitir que deveríamos procurar a sensação aquém de qualquer conteúdo qualificado, já que o vermelho e o verde, para se distinguirem um do outro como duas cores, precisam estar diante de mim, mesmo sem localização precisa, e deixam portanto de ser eu mesmo.. (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 24)

Ao afirmar que a sensação é a primeira maneira de ser afetado por um objeto podemos inferir que essa a maneira pela qual apreendemos e construímos significados. Ele afirma que: "Cada parte anuncia mais do que ela contém, e essa percepção elementar já está portanto carregada de um sentido." (1999, p. 24) A percepção se dá através da sensação, já num momento analítico, daquilo que é sentido. Assim, o ato de sentir seria um momento inicial do conhecer.

Ainda de acordo com Merleau-Ponty, "o visível é o que se apreende com os olhos, o sensível é o que se aprende pelos sentidos" (1999, p. 30), e nesse âmbito, o sensível é provocado pelo objeto artístico, na experiência estética. Podemos verificar, no momento da fruição, essa ligação essencial entre o indivíduo e o mundo objetivo, na qual os sentidos e suas funções solicitam um ao outro. Na união dos sentidos há a produção de sentido: isso é sinestesia.

Não importa a acepção que o termo sinestesia assuma, se consideramos que as experiências de cada indivíduo, enquanto ser e sua relação com o mundo, são valorizadas e nutridas, a fim de gerar conhecimento, estas colaboram para a compreensão ampla, de nós mesmos e de nosso entorno.

> Só posso compreender a função do corpo vivo realizando-a eu mesmo e na medida em que sou um corpo que se levanta em direção ao mundo. Assim, a exteroceptividade exige uma enformação dos estímulos, a consciência do corpo invade o corpo, a alma se espalha em todas as suas partes, o comportamento extravasa seu setor central. Mas poder-se-ia responder que essa "experiência do corpo" é ela mesma uma

> "representação", um "fato psíquico", que a este título ela está no final de uma cadeia de acontecimentos físicos e fisiológicos que são os únicos a poderem ser creditados ao "corpo real". (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 115)

DISCUSSÕES

No que se refere, então, ao impacto social da Arte, bem como da sinestesia, enquanto fenômeno multissensorial, a sinestesia nutrida pela Arte, uma vez que esta é a manifestação criativa, forma de cognição situada e corporificada do ser humano, nós não podemos deixar de estudar a relação com o termo cultura.

Por cultura podemos conceber um conjunto de conhecimentos, costumes, crenças, normas e também valores de uma coletividade. A cultura é um conceito dinâmico e está sujeito às mudanças típicas de cada localidade, próprias do grupo social que nela habita e para o qual atribui sentido naquilo que lhe é significativo. Essa dinamicidade propicia uma modificação, incorporação ou remodelação de hábitos, em cada tempo.

Henry Jenkins tem colaborado com os estudos sobre cultura, tendo apresentado a ideia de cultura da convergência. Nela, Jenkins propõe que só sobrevive nos tempos atuais aquilo que for convergente. Conforme nos diz,

> Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídias, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos pelos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando". (JENKINS, 2008, p. 29)

A ideia de convergência vem nos alertar para uma necessidade de adaptação às exigências do tempo e do espaço, da tecnologia e do mercado, como uma condição para a própria subsistência. Em tempos híbridos como o que vislumbramos e admitindo a onipresença e pervasividade das tecnologias digitais, pensamos que esse mesmo contexto é o lugar de uma transformação inevitável de nossas capacidades perceptivas, vez que as tecnologias são acoplamentos dessa relação com o mundo, e pelas quais damos significado.

Colocando-nos como sujeito-objeto, faz sentido o conceito de cultura da convergência de maneira que ela atualiza nossas habilidades perceptivas, sensoriais, cognitivas, modelando nossa maneira de pensar, agir, reagir, interagir e construir significado.

Porém, ela também releva em nós aquilo que é profundamente humano e com o qual as máquinas não conseguem operar, que é a capacidade de um corpo sensiente, que se apresenta de maneira sinestésica.

É como uma reação de nossa supremacia, naquilo que a máquina não pode agir ou fazer em nosso lugar, a não ser que a ela deleguemos este poder, esta faculdade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dessa forma, pudemos observar como os conceitos de sinestesia, arte, cultura e tecnologia, estão intimamente relacionados, pois fazem parte de um contexto atual, inerente a vida e retroalimentáveis.

Na medida em que somos estimulados em nossa percepção, com referências e gerando experiências compatíveis, vamos afetando o mundo com um comportamento diferenciado, devolvendo a ele o fruto consciente dessas experiências.

A natureza dessas experiências, sendo positivas ou negativas, estará mais ligada à maneira como somos expostos aos estímulos, se são bons ou maus estímulos e se movem em nós as melhores respostas.

De qualquer maneira, a Arte é uma forma de nutrir nossas experiências, fundamental para a constituição de base estética e ética. A sinestesia é um fenômeno multissensorial ontologicamente observável, inerente a vida e que molda a própria experiência. A cultura é dinâmica e amplamente impactada pela presença da Arte, enquanto expressão da criatividade e da inovação. E por

fim, a tecnologia é beneficiada por uma capacidade criativa, consciente e esteticamente amparada, pois, nesse contexto, será promovida para também beneficiar a vida humana e não substituí-la.

Na medida em que conhecermos mais a respeito de nossas próprias habilidades e capacidades, transformáveis e modificáveis em razão do ambiente e da cultura, vamos tomando o verdadeiro lugar de importância na vida, que é colaborar para uma coexistência equilibrada e empática.

AGRADECIMENTOS

Os autores declaram não haver qualquer potencial conflito de interesse que possa interferir na imparcialidade deste trabalho científico.

REFERÊNCIAS

BASBAUM, S. R. **Sinestesia, arte e tecnologia: fundamentos da cromossonia.** São Paulo. Annablume/FAPESP, 2002.

BASBAUM, S. **Sinestesia e Percepção digital.** São Paulo: PUC, 2012. Disponível em: http://www4.pucsp.br/pos/tidd/teccogs/artigos/2012/edicao_6/9-sinestesia_e_percepcao_digital-sergio_basbaum.pdf. Acesso em: 22 mar. 2020.

BASBAUM, S. Percepção digital: Sinestesia, Hiperestesia, Infosensações**.** **Revista Universitária do Audiovisual – RUA**. São Carlos, 2009. Disponível em: http://www.rua.ufscar.br/percepcao-digital-sinestesia-hiperestesia-infosensacoes/. Acesso em: 22 mar. 2020.

CYTOWIC, R. Synesthesia: Phenomenology And Neuropsychology A Review of Current Knowledge**. PSYCHE**, v.2, n. 10, Jul., 1995. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/247692592_Synesthesia_Phenomenology_And_Neuropsychology_A_Review_of_Current_Knowledge Acesso em: 22 mar. 2020.

CYTOWIC, R. **Synesthesia:** a Union of the Senses. Massachusetts: Institute of technology, 2002. https://doi.org/10.7551/mitpress/6590.001.0001

EVERS, F. **The academy of senses. synesthetics in science, art and education.** Netherlands: ArtScience Interfacult Press, 2012.

FRANCESCHINI, S. R. **A experiência multissensorial e a interpretação musical:** um estudo do Ciclo Portinari de João Guilherme Ripper. Dissertação (Mestrado em Música). São Paulo: Unesp, 2010.

JENKINS, H. **Cultura da convergência.** Tradução: Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

LYNN C. R.; SAVIG, N. **Synesthesia: perspectives from cognitive neuroscience.** New York: Oxford University Press, 2005.

MARKS, L. E. **Synesthesia, then and now. Intellectica,** v. 1, n. **55**, p. 47-80, 2011. Association pour la Recherche Cognitive, 2011.

MAURER, D. Neonatal synaesthesia: implications for the processing of speech and faces. *In*: BASON COHEN, S.; HARRISON, J (eds.) **Synaesthesia: Classic and Contemporary Readings.** England: Oxford Blackwell, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura**.** São Paulo: Martins Fontes, 1999.

OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação.** Petrópolis: Vozes, 2014.

ROBERTSON, L.; SAVIG, N.. **Synesthesia:** Perspectives from Cognitive Neuroscience. New York: Oxford University Press, Inc. 2004.